



RISADA DA DESGRAÇA ALHEIA

Naquela manhã chuvosa de domingo, 8 horas da manhã, já estava acordada, rolando na cama, mas logo resolvi realmente levantar, pois dali a duas horas já teria um compromisso mórbido. Tia Clotilde havido morrido; descobri noite passada quando o telefone tocou e era a mamãe chorando do outro lado, falando que uma das "trocentas" doenças da titia tinha a matado, não lembro direito qual.

Das inúmeras coisas que realmente me deixam desconfortáveis, como palhaços, sapo, altura, Edward Mão de Tesouras e a minha própria tia, o que mais me apavora mesmo é o estado de Clotilde (morta), e o pior de tudo: é um estado permanente.

Lá pelas 9h30, pus meu único terninho preto, olhei-me no espelho e pensei: o que leva alguém a marcar um enterro na parte matinal do dia? No almoço alguém terá estômago para comer?

Cheguei ao cemitério, cumprimentei todos os parentes e amigos presentes, alguns inconsoláveis e outros contidos, e eu apática (com exceção do pavor que eu estava sentindo). Vê-la naquele caixão me deixou em desespero, não necessariamente porque gostava dela, que não gostava, mas pelo fato de saber que um dia estaria na mesma situação.

A minha fobia era evidente e salientava-se quando tinha contato "quase direto" com ela mesma, por isso não freqüentava cemitérios, igrejas, hospitais, porém, nessa ocasião, precisava estar presente. Não percebi, mas soltei uma gargalhada enquanto o caixão descia. Foi completamente automático; quando fico nervosa, dou risada, para fingir que nada está acontecendo, é um mecanismo de defesa.

Humor negro tem limite, e todos me deram aquele olhar horrorizado, porém, no ápice da emoção, não tive tempo para constrangimento. Virei as costas, fui embora e prometi nunca mais ir a funerais, eles dão medo.

Camila Regis da Silva
3º ano / Balneário
2008